

4^a Parte

Discursos

Discurso de Posse

Luciano Maia

A vida há de sempre nos reservar momentos em que se evidencia a verdade de que não poderemos nunca saber ao certo o que virá, seja como desdobramento de situações existentes, seja como contraposição à realidade atual.

Início esta minha fala referindo este quase axioma, recordando os anos da minha infância e da minha adolescência na cidade vale-jaguaribana de Limoeiro do Norte naquele então, quando começava a publicar os meus primeiros versos. Em papel-cartolina, alguns deles foram apostos pela mão da poetisa Carmelita Setúbal, minha primeira incentivadora pública da arte de escrever poemas, no recinto do Café do Seu Afonso, bem no centro da cidade, ponto de encontro de professores, intelectuais e boêmios daquela culta Limoeiro de antanho, pequena e povoada de gente humilde, mas onde florescia uma esperança, uma utopia, uma chama humanística, alentada pelo sopro benfazejo do Seminário Cura d'Ars, do Colégio Diocesano Pe. Anchieta, da Escola Normal e do Liceu de Artes e Ofícios, instituições de ensino e de cultura onde se praticava, entre outros, o ofício de aprender e ensinar os caminhos da vocação literária. E esta ambiência se alargava também *extramuros* dessas instituições, casos exemplares de uma espécie de extensão curricular, com os jornaizinhos murais e os grêmios literários a bulirem com as nossas sensibilidades.

Foi nesse microuniverso de ressonâncias líricas e telúricas que li, aos nove anos da minha idade, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, mercê da inquietação intelectual do meu pai e da minha mãe: tínhamos, já naquele então, biblioteca em casa. De Napoleão, meu pai, devo ter aprendido a amar e a nutrir-me de leituras; de minha mãe Carmosinha, devo ter ouvido as primeiras histórias exemplares, os poemas dos românticos e antigas canções italianas, entre as quais sou levado sempre a destacar *La Campana di San Giusto*.

Faço hoje estas rememorações em face desta data inolvidável para mim, uma vez que, trazido pela mão amiga de todos quantos

fazem hoje a Academia Cearense de Letras, a mais antiga de todo o Brasil, mais que centenária, que teve no Pe. Valdivino Nogueira, limoieirense como eu, um de seus fundadores, sinto a serena e prazerosa obrigação de, retomando a visão da minha vida juvenil, recém-admitida, ou melhor, no portal do mundo da literatura – no dizer do poeta romeno Marin Sorescu –, recuar, para ter melhor perspectiva. E regressando àquele tempo, aferir o imponderável que era a minha presença hoje aqui.

Hoje, a ultrapassar a imprevisibilidade que ontem presidia esta ocasião, sinto-me tangido pelo chamamento do amanhã.

Hoje, acolhido unanimemente, nesta respeitabilíssima Academia, pela elite literária do Ceará, elite eclética, composta dos mais variados quadros dos que têm a literatura e as letras, mais amplamente, como centro de suas preocupações mais nobres, presto aqui a minha reverência aos que me fizeram realizar e assistir à transposição de um degrau decisivo da minha trajetória como ser humano a buscar viver de humanidade, talvez um simples carregador de canções, para lembrar mais uma vez o poeta Marin Sorescu.

Gratifica-me muitíssimo também esta circunstância da minha existência: a cadeira que terei a honra de ocupar nesta casa tem como patrono o poeta Juvenal Galeno, um nume ancestral da nossa literatura de base popular e como meu antecessor o polígrafo Florival Seraine, a quem tenho a subida honra de aqui saudar postumamente. A obra de Juvenal Galeno, conhecida amplamente nos mais variados meios de difusão e percepção da criação literária brasileira, representa um extrato cultural de fundo arquetípico, levando-se em conta o viés de oralidade que permeia praticamente toda a sua tessitura, construção levantada sobre fundações genuinamente cearenses.

Juvenal Galeno foi poeta de erudição; as características de marcado cunho rural e popular que assistem os seus poemas são, antes, um propósito de fundar a sua escrita em bases genuínas do que fruto de uma sintaxe pouca elaborada. O poeta chegou mesmo a imprimir aos seus poemas (onde *Lendas e Canções Populares* é livro emblemático para a identificação de autor e obra) uma suave monotonia, tão própria das falas rurais, até mesmo por força da exigüidade lexical do nosso sertanejo.

Sobre Juvenal Galeno considero oportuno registrar o que escreveu Florival Seraine em seu livro *Através da Literatura Cearense*, cuja primeira edição data de 1948, publicado, portanto, há menos de vinte anos da morte de Juvenal Galeno. Escreveu Florival Seraine:

Do autor focalizado cabe afirmar-se haver sido quem pela primeira vez emprestou forma literária, procurando gravá-las na escrita poética, as notas típicas da nossa dialetologia, que se vieram constituindo no decorrer do tempo, e ainda hoje caracterizam modelos de expressão genuinamente brasileiros. Sendo assim, além de outras qualidades que o poderão valorizar, a obra de Juvenal Galeno merece ser destacada porque, melhor do que outra qualquer, se presta, inicialmente, ao estudo das manifestações lingüísticas regionais.

Mais adiante:

Assinale-se em primeiro lugar a sintaxe característica da nossa fala, que o bardo, não temendo enfrentar as iras dos gramáticos e puristas, não vacilou em reproduzir com fidelidade

Cumpre, por oportuno, pôr-se também em relevo, relativamente à figura literária de Juvenal Galeno, duas obras de inequívoco prestígio nacional, de autoria de Raimundo de Menezes, quais sejam *Escritores na Intimidade* e o *Dicionário Literário Brasileiro*, onde, a par de informações importantes alusivas à biografia do poeta, deparamos com informações preciosas sobre o seu fazer poético, inclusive o já célebre encontro com o grande indianista e romântico Gonçalves Dias, ocasião em que o autor de *I-Juca Pirama*, incentivando o trabalho primoroso do vate cearense, exorta-o a seguir a trilha, aliás já pelo próprio Juvenal Galeno aberta, da preferência pela poesia popular.

Também Machado de Assis leu e comentou os versos de Juvenal Galeno, tendo, em artigo no *Diário do Rio de Janeiro* aludido a semelhanças entre a escritura do nosso poeta e a de

Pierre Jean de Béranger, célebre cançonetista francês, nascido em 1780 e falecido em 1857, tão popular em seu país pela sua obra *Le Dieu des Bonnes Gens* (*O Deus dos Pobres*). Lembremos Herder, emérito estudioso da poesia popular, tendo-a encontrado mesmo na *Bíblia*. É que os extratos puros da construção poética não excluem – isso seria um acabado *non sense!* – as fontes primárias de manifestação artística. Já o dizia o imortal Câmara Cascudo.

Não será demais afirmar, portanto, que Juvenal Galeno, patrono da cadeira 23 desta Casa, representa, para o Ceará, a nossa primeira grande contribuição intelectual na direção de um garimpo e de uma amostragem dos nossos mais legítimos valores artísticos de nascente popular.



O nome de Florival Seraine, o médico, prosador, folclorista, estudioso da filosofia da linguagem, etnógrafo, etnólogo e, não por último, distinguido lingüista, há de se inscrever no bronze das letras nacionais, pela sua valiosíssima contribuição a todas essas vertentes da nossa cultura. Os trabalhos publicados pelo saudoso Florival Seraine representam, em seu conjunto, um acervo do patrimônio literário nacional, fonte e manancial riquíssimo das mais preciosas sugestões, dos mais úteis ensinamentos, todos fruto de uma dedicação e de um trabalho lúcido e infatigável na busca do nosso conhecimento mais íntimo das realidades que subjazem à linguagem, aos costumes e ao comportamento humano.

Afirmamos, sem titubeios, que Florival Seraine praticou, durante a sua existência terrena, o que podemos chamar de sacerdócio, se nos detivermos no exame de obra tão impregnada de valores humanos, ainda que tratando, em várias de suas passagens, de temas com acentuado teortécnico. Mesmo aí ressalta a humanidade de Florival Seraine, sabedor que era de que toda ciência só se terá cumprido em plenitude quando o seu objeto final e mais alto escopo for o homem.

Desde *Cultura Brasileira*, seu primeiro livro, publicado em 1938, ao mais recente, assistimos a uma trajetória firme e determinada na busca de contribuições efetivas à cultura, contributos que são, em última instância, de utilidade para a própria existência humana e à consecução da felicidade. A *Antologia do Folclore*

Cearense foi o primeiro livro de Florival Seraine que me chegou às mãos, numa segunda edição de 1983 pelas Edições UFC (sua primeira edição data de 1968). Fez-me esta obra do grande folclorista conhecedor de mais de trinta temas de revelações folclóricas, colhidos dos trabalhos de um José de Alencar (1829-1877), com *O Rabicho da Geralda*, peça que, segundo Câmara Cascudo, é "possivelmente o mais antigo modelo da gesta do gado" de um Guilherme Studart (1856-1948), com *Usos e Superstições Cearenses*; de um Leonardo Mota (1891-1948), com *A Poesia dos Cantadores*, e tantos outros. Livro indispensável a quem estuda o nosso processo civilizatório.

O seu *Dicionário de Termos Populares*, editado em 1959 e reeditado em 1991, é de uma grandeza comparável às melhores obras do nosso maior folclorista brasileiro, Câmara Cascudo, tal a sua percuciência e abrangência lexical.

Talvez não mais importante que estas duas obras citadas, mas com certeza, pelo menos para mim, de uma significação especial, é o seu livro *Temas de Linguagem e de Folclore*, publicado em 1987, reunindo, na realidade, trabalhos do autor divulgados entre 1949 e 1972. Este livro de Florival Seraine (refiro-me ao exemplar que compõe a minha biblioteca) tem uma dedicatória sua à minha pessoa, em que agradece a remessa de livros meus, em poesia e prosa.

Este livro de Florival Seraine se inicia com uma introdução ao atlas lingüístico do Cariri, pesquisa de campo que o autor começou em 1937! Ali está, também, a famosa *Relação do Maranhão* do Pe. Luiz Figueira, em comparação com o falar cearense atual. É oportuno lembrar que o Pe. Luiz Figueira, mercê de sua convivência, como catequizador, com a gente nativa, dedicou-se ao cultivo da língua tupi, elaborando a *Arte da Gramática da Língua do Brasil* que, como nos ensina Florival Seraine, é a segunda que entre nós apareceu sobre o tema e da qual houve sete edições – quatro em Lisboa e as outras em Leipzig (Alemanha), Bahia e Rio de Janeiro. Neste trabalho, podemos aferir, com certa surpresa, casos curiosos de vocalismos, consonantismos, metaplasmos e um alentado estudo sobre a morfologia coeva do missionário, desde o artigo, o pronome, o advérbio... Também relativamente à sintaxe e ao léxico, passando pelas orações adverbiais e prepositivas, deparamos com uma análise valiosíssima.

Por mor deste livro de Florival Seraine (a expressão é proposital, remetendo-me ao seu uso reiterado no texto da *Relação* do Padre Luiz Figueira e a uma recorrência de que lanço mão, também eu, em vários escritos meus) foi que vim a saber de várias coincidências (ou duplicidades) de topônimos de Portugal no Ceará, tais como Almofala, Ameirós, Crato, Messejana, Granja, Sobral, Viçosa, Arronches e outros.

Neste livro, *Temas de Linguagem e de Folclore*, Florival Seraine apresenta ainda subsídios para uma antroponímia cearense; formação de palavras na linguagem popular; estudo de lexicografia e semântica cearenses; aspectos históricos da língua nacional no Ceará e, na parte relativa aos temas folclóricos, anotações preciosas sobre o torém (dança de procedência indígena), sobre o reisado no interior cearense e notas sobre os estudos etnográficos cearenses. Todo esse variado e rico painel consubstancia uma pesquisa aprofundada e abrangente, sendo esta obra aqui lembrada referência valiosa a quantos se interessem pelos temas nela apresentados, vazados de uma clareza e de uma objetividade inequívocas, sem embargo do fascínio de uma exposição extremamente agradável.

Vale ainda aqui referir duas obras do ex-ocupante da cadeira em que ora tomo assento nesta Casa: *Linguagem e Cultura*, de 1985, e *Para a História da Filosofia da Linguagem*, de 1994, esta última trazendo à baila, na órbita do estudo proposto, trabalhos de personalidades eméritas, desde Platão e Aristóteles, na antiga Grécia, passando por Heráclito, o célebre pré-dialético da Antiguidade, e chegando a autores consagrados nos tempos atuais no estudo da filosofia da linguagem, como Étienne Gilson, Teodoro de Andrés e Noam Chomsky, entre outros.

Lembremos, senhoras e senhores, que Florival Seraine não foi somente, como referi no início destas minhas palavras, o eminente etnógrafo, folclorista, etnólogo, lingüista e crítico que estas obras mencionadas nos revelam em toda a sua grandeza e brilho: Florival Seraine foi também o prosador, o contista de *A Noiva e o Tempo* e de *Vida e Sonho*, em que exercita a sua arte ficcional com perfeita maestria, permitindo-me apenas lembrar os contos *O Ladrão* e *O Intelectual*, do primeiro livro, e *O Guajara*, relato de inspiração folclórica, do seu segundo livro de contos.

Creio ainda oportuno e necessário destacar, por fim, os inúmeros trabalhos realizados por Florival Seraine, frutos de sua atua-

ção como membro do Instituto do Ceará, do qual foi quadro brilhante e atuante.

Assim, testemunhando e louvando, com estas palavras, a atuação do homem de cultura que foi o meu antecessor, aduzo aqui a convicção de que a minha eleição para a vaga deixada pelo seu desaparecimento do mundo dos vivos só poderá representar para mim um prêmio e uma honraria, ao tempo em que me exorta a prosseguir na minha trajetória pelas províncias das letras, sabendo, de antemão, o quanto me será árdua a incumbência que se me atribui neste instante, cômescio da magnitude de sua figura e da lacuna enorme que se abriu com a sua partida para o vasto cosmos da memória imorredoura dos homens imprescindíveis que, como nos lembrava Bertolt Brecht, são aqueles que lutam não apenas por muitos anos, mas por toda a sua vida, qual Florival Seraine lutou e venceu, em seu desmesurado humanismo.



Senhor Presidente, Senhoras, Senhores: a imponderabilidade de ontem e a realidade de agora me colocam no convívio dos mais preclaros intelectuais da minha Terra, por força e virtude de uma magnânima compreensão e de um generoso voto de confiança. Desejo aqui expressar a todos o meu reconhecimento e tornar de todos sabido o meu convencimento do imenso que tudo isto representa para nós e, em particular, para mim, neste momento histórico que vivemos, em que os valores nacionais de todo gênero nos reclamam vigilância e denodo, a fim de que atinjamos, ou, pelo menos, persigamos a consecução daqueles ideais de cultura e humanismo legados pelos nossos ancestrais, de quem não nos orgulhamos sem razão.

Homo sum: humani nihil a me alienum puto: esta declaração peremptória e cabal do poeta latino Terêncio nos remete, assim quero crer, à razão maior da aventura do homem sobre a terra, com todas as implicações de esperança e vicissitudes inerentes à própria essência dos seres vivos, tudo presidido pelas forças da Natureza: a natureza de todos os reinos, principalmente do reino animal, que tem em nós a sua possibilidade de compreensão dos demais. Por isso, nesta hora, acredito que não será demasiado reafirmar a crença em nós mesmos, ampliando-a para a crença nos destinos da Humanidade.

Acredito que temos nós brasileiros, por força da invejável herança latina da nossa civilização, o dever de demonstrar, agora e para o milênio que se vislumbra, o valor impostergável da cultura humanística, meio e desiderato a se cumprir, com a nossa determinação e com a parcela de solidariedade de cada um de nós.

Sabemos todos o quão depreciados têm sido, nos últimos anos, os verdadeiros suportes da nossa cultura, inclusive com perdas apreciáveis para o tempo da construção do nosso perfil nacional. Quero referir-me aos aspectos lingüísticos, em especial: é inegável que nos últimos tempos não temos a alegria de constatar uma ação eficaz e conseqüente em defesa do ensino da nossa língua entre nós, mormente nos degraus de base do ensino. Ao contrário, vemos facilitada a avalanche, através dos meios de comunicação de massa, que ameça soterrar expressões legítimas da nossa nacionalidade, trazendo consigo as marcas depredantes de um monolitismo arrogante e de uma hierarquia lingüística empobrecedora, a ninguém aproveitando a supressão dos chamados idiomas menores, entre os quais parece querer a elite política nacional fazer figurar a nossa língua, como se fosse possível o estabelecimento de uma ordem mundial baseada na soberbia de poucos e na ignorância compulsória dos demais.

Sinto-me, senhoras e senhores, obrigado a nesta hora referir esta situação que faz periclitar a continuidade e a sanidade das nossas expressões de cultura, porque é notório o desgaste sofrido – talvez irreparável – já a esta altura, da nossa riqueza lingüística, sim, com efeito, para entristecimento nosso. Participando, na Romênia, nos meses de setembro e outubro do ano passado, de um colóquio de tradutores e do Congresso da Latinidade, que se chamou *O Futuro de Um Passado*, tive a felicidade de assistir, e participar, ao longo dos debates que se desenvolveram, naquele evento, com vistas ao surgimento do projeto CENTRO DO PENSAMENTO CRÍTICO DA LATINIDADE, preconizando a realização de fóruns itinerantes em que se debaterão as questões fundamentais que preocupam o homem deste final de século, mais particularmente os problemas das identidades nacionais, tão duramente ameaçadas pela pasteurização global da cultura. Não podemos ignorar o fato de que no Brasil é urgente, visivelmente urgente, a necessidade da retomada de uma política cultural, em todos os

níveis, visando à preservação da nossa única forma de sermos no mundo, isto é, como nós mesmos.

Mas é bom e mister que se diga que ainda há muito em que se empregar o braço e o coração. A história não acabou, pelo menos para nós. O fim da história pode ser um diletantismo para os que se encastelam hoje no poder; não pode ter acabado a história para nós: nós temos tudo a fazer. A vida, quem sabe, apenas começou.

A poesia há de desempenhar, no futuro, o papel de redescoberta da escritura de fundação do homem, como nos propõe o mexicano Octavio Paz, na busca incessante do eterno retorno, como nos sugere o romeno Mircea Eliade.

Confesso com indisfarçável orgulho que foi seguindo as sugestões da latinidade, em seu sentido mais amplo, que um dia me surpreendi; pelas sendas da poesia, lendo todas as línguas românicas, filhas diletas de uma Roma que continua a sua sementeira civilizatória em todas as latitudes de nosso planeta, desde os vales estreitos da Romênia, pátria de Mihai Eminescu e de uma poesia que figura dentre as mais fascinantes e comoventes que me tem sido dado conhecer, passando pelas Espanhas de García Lorca e de José Saramago, pelas Áfricas e pelo Caribe, até os páramos do interior do Nordeste brasileiro, a pátria dos cantadores, dos Homeros do sertão, dos cegos iluminados, para usar a sugestão do menestrel de Ipueiras, Gerardo Mello Mourão. Este cantador do Nordeste brasileiro, Gerardo Mello Mourão, vem mostrando ao mundo a épica do fazimento de uma pátria cuja canção de gesta se compôs, em seus primórdios, aqui em nossa Região, onde pela vez primeira no Brasil, consigna-se esta palavra – pátria.

Esta palavra, sem embargo das demonstrações insidiosas e diárias, através dos multimeios, de que sua noção é ultrapassada, esta palavra vive e repercute em mim como uma lenda ancestral, que só se extinguirá comigo. Que me desculpem os que apregoam a quebra das fronteiras nacionais, baseada numa ordem econômica global; isto, segundo me é dado ver, nada mais significa do que a supressão da pátria em favor de uma ingerência sem freios, a partir dos centros exportadores de capital, onde, aliás, soberbamente, a noção de pátria sobrevive sobre a periferia a que se destinam ordens e proibições.

É talvez chegada a hora de buscarmos uma saída desta situação de inferioridade impingida pelos corifeus da não-pátria, uma

saída que, impossibilitada de se dar verticalmente, por se encontrarem vedados todos os canais de ascensão no âmbito do universo capitalista regido por apátridas argentários, uma saída que se dará por via lateral, fruto da união das consciências nacionais oprimidas. Esta será uma saída cultural, com a indispensável retomada de nossa auto-estima.

Nesta tarefa, nesta possibilidade, hão de estar presentes os povos da América Latina e de pátrias da Europa, onde já se tornaram claras as intenções de dominação dos apátridas.

Peço-lhes escusas por esta ligeira incursão nas sendas da política. Mas é que nos dias de hoje já não podemos, os que temos na literatura o objeto principal de atuação, restringir-nos ao âmbito fechado do fenômeno literário. O fenômeno literário é resultado e resultante; deverá, portanto, estar posto em conexão com os outros fenômenos, de ordem social, econômica e política.

Confesso-lhes, contudo, que a minha intenção neste momento, ao referir estas realidades, centra-se na convicção de que não podemos prescindir da pátria, sob pena de nunca chegarmos a ser nós mesmos, nem ninguém.

Limoeiro do Norte, aquele país varzino por uma parte e caatingueiro e carrasquento por outra, viu-me nascer e crescer e contemplar a lua grande sobre a chapada do Apodi e a banhar-me nas águas cansadas do Rio Jaguaribe. Constato agora, aos cinquenta anos da minha idade, que aquele menino irrequeto que sonhava ser poeta, pedalandando a bicicleta marrom em demanda das aulas de latim do Pe. Pitombeira, no Colégio Diocesano, ou fugindo nos entardeceres para sozinho ouvir a melodia das águas e dos céus, continuará a me chamar aos livros e aos sonhos, no lombo de um cavalo de talo que encostei à sombra de cada carnaubeira de meu Vale.

Emocionado, quero pedir a benção ao meu pai e à minha mãe e dizer-lhes que o seu filho não se evadiu: está em companhia de amigos, sonhando um futuro para nós todos.

Muito obrigado!

Fortaleza, 12 de maio de 1999